

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1810)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

José Rafael Barbosa Santos

**INFLUÊNCIA DOS LÍDERES MILITARES NAS PRINCIPAIS BATALHAS DA
GUERRA DOS CEM ANOS**

Resende

2019

José Rafael Barbosa Santos

**INFLUÊNCIA DOS LÍDERES MILITARES NAS PRINCIPAIS BATALHAS DA
GUERRA DOS CEM ANOS**

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em
Ciências Militares, da Academia
Militar das Agulhas Negras
(AMAN, RJ), como requisito
parcial para obtenção do título
de **Bacharel em Ciências
Militares.**

Orientador: 1º Ten Pedro Vinicius Silva Teixeira Santos

Resende

2019

José Rafael Barbosa Santos

**INFLUÊNCIA DOS LÍDERES MILITARES NAS PRINCIPAIS BATALHAS DA
GUERRA DOS CEM ANOS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em ____ de _____ de 2019.

Banca examinadora:

1º Ten Pedro Vinicius Silva Teixeira Santos
(Presidente/Orientador)

Resende
2019

Dedico este trabalho

AGRADECIMENTOS

RESUMO

INFLUÊNCIA DOS LÍDERES MILITARES NAS PRINCIPAIS BATALHAS DA GUERRA DOS CEM ANOS

AUTOR: José Rafael Barbosa Santos

ORIENTADOR: 1º Ten Pedro Vinicius Silva Teixeira Santos

Esta monografia teve o propósito de identificar e discorrer sobre o papel do líder militar nas principais batalhas da Guerra dos Cem Anos, a fim de aprimorar os conhecimentos histórico-militares do futuro Aspirante a Oficial do Exército Brasileiro. Para alcançar o objetivo, foram apresentadas as competências da liderança segundo o Manual de Campanha C 20-10 (2011), expondo como se exteriorizavam nesses combates militares e definindo cada uma dessas. Após isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental a fim de fazer aflorar, nas principais batalhas da Guerra dos Cem Anos, a atuação comportamental de líderes que se destacaram e exacerbaram as competências da liderança. Com base nas informações coletadas, foi contraposto o exercício da liderança durante os conflitos com as competências descritas no trabalho, levando à conclusão de quais dessas geraram quociente profícuo e que, portanto, devem ser demonstradas pelo líder militar para tornar sua tropa disciplinada, coesa e motivada a cumprir as mais variadas missões com êxito.

Palavras-chave: Liderança. Competência. Líder Militar. Guerra dos Cem Anos.

ABSTRACT

INFLUENCE OF MILITARY LEADERS IN THE MAJOR BATTLES OF THE CENT YEAR WAR

AUTHOR: José Rafael Barbosa Santos

ORIENTER: 1st Ten Pedro Vinicius Silva Teixeira Santos

This monograph aimed to identify and discuss the role of the military leader in the main battles of the Hundred Years War, in order to improve the historical-military knowledge of the future Aspirant to Officer of the Brazilian Army. In order to reach the objective, the leadership competences according to the Campaign Manual C 20-10 (2011) were presented, exposing how they expressed themselves in these military combats and defining each one of them. After that, a bibliographical and documentary research was carried out in order to bring out, in the main battles of the Hundred Years War, the behavioral behavior of leaders who stood out and exacerbated the leadership skills. Based on the information collected, it was contrasted the exercise of leadership during conflicts with the competencies described in the work, leading to the conclusion of which of these generated a profitable quotient and that, therefore, must be demonstrated by the military leader to make his troops disciplined, cohesive and motivated to fulfill the most varied missions with success.

Keywords: Leadership. Competence. Military Leader. Hundred Years' War.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 OBJETIVOS.....	10
1.1.1 Objetivo geral.....	10
1.1.2 Objetivos específicos.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1.1 Os principais líderes da Guerra dos Cem Anos.....	13
2.2 A BATALHA DE POITIERS E A LIDERANÇA DE EDWARD, O PRÍNCIPE NEGRO	14
2.3 HENRIQUE V E A BATALHA DE AGINCOURT.....	18
2.4 JOANA D´ARC E O CERCO DE ORLEANS	22
2.5 A LIDERANÇA MILITAR NA GUERRA DOS CEM ANOS.....	26
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	29
3.1 TIPOS DE PESQUISA.....	29
3.2 MÉTODOS	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Buscando identificar o que de mais relevante e atualizado tem sido produzido sobre o tema a pesquisa divide-se em dois grandes blocos, a liderança com enfoque na parte militar e a parte histórica com foco na Guerra dos Cem Anos. Em primeiro lugar, no bloco da liderança, há o Manual de Campanha C 20-10 (2011), evidenciando a importância do assunto para a Força Terrestre, visto que existe um manual para orientar seus militares no que diz respeito à liderança, criado conforme portaria número 102 – EME, de 24 de agosto de 2011. E tem como primeiro objetivo “Proporcionar, a todos os militares do EB, uma base conceitual sobre as fundamentações teóricas da liderança e, em particular, da liderança militar.” (BRASIL, 2011, p. 1-1).

De acordo com Castro (2014), o vácuo da liderança militar traz consigo ônus significativo para o escalão em questão e superiores, é o que acontece quando não se configura o ato de comandar, que também é sinônimo de liderar. O líder militar deve criar vínculos afetivos com a sua fração, para que possa influenciá-la e levá-la ao êxito. Caso não estabelecida essa proximidade entre comandantes e comandados, ao passo que estes últimos ascendem dentro da hierarquia a distância entre esses dois grupos aumenta. Sendo assim, o líder deve assimilar as consequências diretas do seu relacionamento interpessoal e desfrutar de ocasiões que o proporcionem compartilhar momentos com os integrantes da sua tropa, para, então, bem conhecê-los e ser conhecido, habilitando-o a liderá-los sob quaisquer circunstâncias.

Segundo Brasil (2011), o Exército Brasileiro considera que é fundamental o exemplo moral do líder militar, por mais facilmente as condutas serem imitadas do que aprendidas, tendo em vista a tendência do subordinado em imitar e reproduzir atos e características do comandante. Esse serve de exemplo e precisa saber repassar os valores da instituição, bem como agir de forma coerente e pautado nesses valores para que tenha credibilidade, que é a chave da liderança.

E quanto à questão histórica, Brasil (2011, p. 1-2), atribui à análise histórica, um importante meio de pesquisa da liderança, quando afirma que:

A História Militar mostra que a liderança sempre foi o alicerce das tropas coesas, motivadas e aguerridas. Mostra, também, as dificuldades encontradas pelos comandantes na condução de seus soldados em combate. Nas situações de normalidade, quando o grupo militar e as pessoas que o integram não estão sob pressão, geralmente as ordens dos comandantes são cumpridas, sem vacilações. Já nos momentos de crise e, sobretudo, nas ações em combate, havendo risco de vida e

penúrias de toda ordem, os indivíduos só obedecerão voluntariamente às ordens recebidas afiançados por seus comandantes.

A Guerra dos Cem Anos dividiu-se, basicamente, em quatro períodos: o primeiro de 1337 a 1364, o segundo de 1364 a 1380, o terceiro de 1380 a 1422, e o quarto de 1422 a 1453. Ela durou de 1337 a 1453, então poderia ser, mais precisamente, chamada de “Guerra dos 116 anos”, e foi o conflito mais duradouro da história da humanidade, considerado o mais relevante da Era Medieval. A guerra foi em decorrência de um impasse sobre o destino do trono francês, maior reino da Europa Ocidental da época, disputado pelas casas governantes do Reino da Inglaterra e do Reino da França.

No decorrer das batalhas, a participação com destaque nos campos de batalha pela liderança militar de Edward, o Príncipe Negro, Henrique V, conhecido como Henrique de Monmouth e Joana d’Arc, que com certeza foram decisivas e responsáveis pelo rumo que a guerra tomou, os quais foram objeto deste estudo.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Verificar como se deu a influência dos principais líderes militares nas Batalhas da Guerra dos Cem Anos.

1.1.2 Objetivos específicos

Relatar o histórico da Guerra dos Cem Anos;

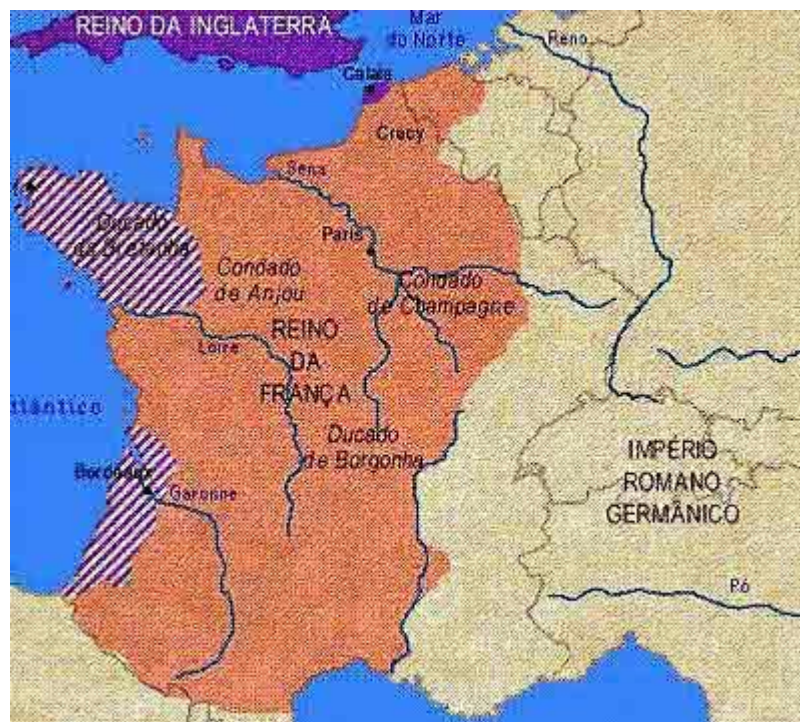
Conceituar e explanar a respeito da liderança militar;

Verificar a atuação dos principais líderes militares nas Batalhas da Guerra dos Cem Anos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo River (2018), a Guerra dos Cem Anos entre a Inglaterra e a França de 1337 a 1453 é melhor vista como uma série de guerras interconectadas com o mesmo objetivo básico do que com uma longa guerra. Não houve combates contínuos durante o período nem Inglaterra e França mantiveram exércitos constantemente no campo, mas foi quase um jogo entre os dois países com regras claramente definidas sobre quando lutar e quando descansar. O período foi marcado por muitas tréguas, algumas apenas por uma temporada e alguns anos duradouros. O que mais chama a atenção quando se estuda as guerras do período é como o exército inglês era quase invariavelmente superior aos franceses em capacidade, mas de alguma forma os ingleses conseguiram perder a guerra. As razões para isso são muitas, mas a mais importante é a incapacidade da Inglaterra de manter qualquer tipo de plano estratégico a longo prazo.

Figura 1 – Mapa da Guerra dos Cem Anos



Fonte: HISTORIANET (2019)

Os 100 anos de guerra começaram ostensivamente em 1337 em uma disputa entre os reis franceses e ingleses sobre o condado de Guyenne e se era soberano ou mantido pelo rei inglês em feudo para o rei francês. O rei francês Philip VI confiscou Guyenne dos ingleses,

com o que Edward III da Inglaterra declarou que existia um estado de guerra entre a Inglaterra e a França, iniciando assim a mais longa guerra da história europeia (RIVER, 2018).

Edward III não reivindicou inicialmente o trono francês; De fato, após a ascensão de Filipe ao trono em 1328, ele viajou para a França e homenageou suas propriedades na França. Edward III segurou Guyenne através de Eleanor, da Aquitânia, esposa de Henrique II. Era o elo através de Eleanor, que também tinha sido a esposa do rei francês Luís VII e cuja neta Blanche de Castela tinha sido rainha da França na qual Edward impôs sua reivindicação ao trono. Os franceses alegaram que o rei inglês não conseguiu herdar o trono por causa da Lei Sálica que barrou a sucessão através da linha feminina, mas esta refutação não ocorreu até 1410, quando João de Montreuil negou a reivindicação de Henrique IV. Enquanto no começo a guerra era resultado de questões econômicas e jurisdicionais, com o tempo ela evoluiu para a primeira luta nacional e marcou a fronteira entre os mundos medieval e moderno (RIVER, 2018).

As batalhas decisivas da Guerra dos Cem Anos não decidiram o resultado da guerra; isso foi decidido pelas diferentes estratégias empregadas pela Inglaterra e pela França. As diferenças nas estratégias usadas pela Inglaterra e pela França são surpreendentes quando as semelhanças entre suas culturas são consideradas. A Inglaterra utilizou uma estratégia mais ofensiva, mas assumiu a defesa taticamente, enquanto a França assumiu a defensiva estratégica enquanto perseguia a ofensiva tática. Isso resultaria na eventual vitória francesa na guerra, mas as táticas francesas apressaram-se em suas falhas táticas que permitiram aos ingleses ganhar uma grande posição na França (RIVER, 2018).

De acordo com Teixeira (2015), a guerra começou com muito som e fúria, mas pouca ação na parte inglesa, enquanto os franceses empreenderam uma série de ataques devastadores contra as cidades costeiras do sudeste da Inglaterra. Esses ataques terminaram por um tempo após a batalha naval de Sluys em 1340, na qual os ingleses, sob Edward III, derrotaram decisivamente a marinha francesa. A guerra continuaria para os próximos 116 como uma série de ataques e cercos com algumas grandes campanhas e muitas tréguas.

Houve poucas batalhas decisivas durante a Guerra dos Cem Anos e as mais notáveis entre elas são Crecy (1346), Poitiers (1356), Agincourt (1415), o Cerco de Orleans (1429), Formigny (1450), Castillon (1450), e a queda de Bordeaux (1453). Além disso, houve vários eventos não militares e revoltas camponesas na Inglaterra e na França que afetaram a guerra, sendo a mais notável a morte negra em 1348 e seu reaparecimento periódico ao longo da guerra. Os duques de Borgonha também desempenharam um papel notável na guerra, já que

ingleses e franceses sempre procuraram a Borgonha como um aliado na guerra (TEIXEIRA, 2015).

A guerra foi caracterizada tanto pelo choque dos sistemas táticos quanto pela sua indecisão. Os ingleses confiavam muito mais nos arqueiros do que os franceses, que desprezavam seu uso como não-masculinos. Essa confiança inglesa em um forte contingente de arqueiros em seus exércitos de campo seria a chave de seus sucessos contra os franceses nos próximos cem anos. A Inglaterra contava com arqueiros desde o tempo da conquista e essa confiança só aumentou após a conquista do País de Gales sob Edward I, quando os galeses usaram seu tradicional arco longo com grande efeito (TEIXEIRA, 2015).

. Os ingleses não dependiam totalmente do longo arco que construía seu exército em torno de um núcleo duro de homens de armas que haviam adquirido experiência de combate nas frequentes guerras da fronteira escocesa do século XIII e início do século XIV (TEIXEIRA, 2015).

O exército francês era principalmente um exército montado confiando no cavaleiro montado e em seu incrível poder de choque para vencer os inimigos. Os franceses não desprezaram totalmente o uso de infantaria de mísseis empregando arqueiros genoveses de vez em quando como mercenários; eles estavam presentes em Crecy e Agincourt. Nobres e comandantes franceses olhavam para baixo, para os soldados a pé, julgando-os bárbaros e, pior ainda, nobres e um impedimento na batalha. Isso levou a maioria dos exércitos de campo franceses a consistir principalmente de cavaleiros montados e homens de armas. Eles também eram impetuosos, acreditando que a ação era melhor que inação e tentando forçar o ritmo da batalha; isso levou ao desastre em Crecy e Agincourt (TEIXEIRA, 2015).

Os objetivos estratégicos de ambas as partes no conflito também estavam aparentemente em desacordo. O objetivo da guerra francesa era que o rei governasse como soberano sobre todo o território da França. Os ingleses, por outro lado, aparentemente mudaram seus objetivos de guerra às vezes, mas eles basicamente queriam o controle de todas as terras herdadas de Eleanor da Aquitânia e queriam manter essas terras como soberanas e não como vassalos do rei francês (TEIXEIRA, 2015).

2.1.1 Os principais líderes da Guerra dos Cem Anos

De acordo com Macedo (2013), a Guerra dos Cem Anos viu o surgimento de muitas pessoas notáveis em ambos os lados do conflito. A guerra fez a sorte de alguns e destruiu outros entre os personagens mais destacados que surgiram do lado inglês, talvez ninguém se

destaque mais do que Edward, o Príncipe Negro, que foi tão bem sucedido nos primeiros anos da guerra que a própria menção de seu nome nas fileiras dos ingleses iria golpear o terror nos franceses. A reputação de Edward era bem fundada embora; ele havia lutado em Crecy e comandado em Poitiers em 1356 quando capturou o rei francês João II. Ele era um comandante capaz e liderou seus exércitos para muitas vitórias.

É claro que nenhum líder inglês é tão conhecido como Henrique V, rei da Inglaterra, que foi imortalizado pela peça de Shakespeare de mesmo nome, que narrava sua vitoriosa campanha de 1415 em que derrotou os franceses em Agincourt (MACEDO, 2013).

Os franceses também produziram alguns líderes de destaque, embora não até mais tarde na guerra, líderes como Carlos VI, Filipe II da Borgonha e, claro, Joana d'Arc. Os franceses nunca produziram realmente nenhum líder com o status ou a reputação dos grandes capitães de guerra ingleses, mas o que fizeram foi produzir uma série de comandantes competentes, especialmente na última parte da guerra que levou a guerra a uma conclusão bem-sucedida (MACEDO, 2013).

2.2 A BATALHA DE POITIERS E A LIDERANÇA DE EDWARD, O PRÍNCIPE NEGRO

Segundo Macedo (2013), embora Edward nunca tenha se tornado rei, ele morreu antes de seu pai, Edward III, ele é lembrado como um grande herói militar medieval, com notáveis vitórias contra os franceses na Guerra dos Cem Anos.

Edward nasceu em 15 de junho de 1330 em Woodstock, em Oxfordshire, o filho mais velho de Edward III. Ele foi criado príncipe de Gales em 1343. Ele mostrou brilho militar em tenra idade, desempenhando um papel fundamental na derrota do exército francês na Batalha de Crecy, quando ele tinha apenas 16 anos. Em 1355, ele foi nomeado tenente de seu pai em Gasconha e no ano seguinte liderou outra vitória significativa contra os franceses em Poitiers, levando o rei francês prisioneiro (MACEDO, 2013).

Em 1362, Edward casou-se com Joana de Kent e tornou-se príncipe de Aquitânia e Gasconha. Edward e sua esposa foram morar em seus novos domínios franceses. Em 1367, Edward liderou uma expedição à Espanha, para restaurar o rei de Castela deposto de Castela, e mostrou-se novamente com a vitória na Batalha de Najera, no norte de Castela. Edward retornou à Aquitânia, onde tornou-se impopular com a nobreza, cobrando impostos para pagar sua expedição espanhola. Eles se revoltaram contra ele e em 1370 Edward sitiou a cidade de Limoges. Quando caiu, 3.000 de seus habitantes foram massacrados. Um ano depois, Edward voltou para a Inglaterra (MACEDO, 2013).

De acordo com Teixeira (2015), Edward morreu aos 45 anos em 8 de junho de 1376, provavelmente de uma doença contraída na Espanha, e foi enterrado em grande esplendor na Catedral de Canterbury. Seu filho, Richard, conseguiu Edward III um ano depois.

Durante sua vida ele era conhecido como Edward de Woodstock. O título de Príncipe Negro desenvolvido após a sua morte e pode se referir a armadura negra que ele usava. Desde a vitória inglesa em Crecy, em 1346, a França estava continuamente na defensiva. No entanto, de 1348-1349, ambas as nações tiveram uma pausa prolongada no conflito, com a pandemia da peste bubônica devastando a maior parte da Europa. Estimativas modernas colocam o número de mortos da "Peste Negra" entre 30 e 60% da população da maior parte da Europa. Muito pouca ação militar ocorreu entre 1348 e 1356, exceto por brigas esporádicas sobre a sucessão da Bretanha (TEIXEIRA, 2015).

Figura 2 – Edward o Príncipe Negro



Fonte: HISTORIANET (2019)

Finalmente, em 1356, o Príncipe de Gales Edward de Woodstock, mais conhecido pela história como o "Príncipe Negro", decidiu que era hora de trazer o calor contra os franceses.

O príncipe tinha 26 anos, mas já era um comandante experiente no campo de batalha, vencendo suas esporas 10 anos antes na batalha de Crécy para ser o herdeiro do trono inglês, Edward também tinha a responsabilidade de governar a província da Aquitânia. Sob ordens de seu pai, o rei Edward III, o príncipe Edward reuniu um exército de soldados ingleses, galeses e gascões e lançou um *chevauchée*¹ no centro da França (TEIXEIRA, 2015).

O *chevauchée* poderia ser usado como uma maneira de forçar um inimigo a lutar, ou como um meio de desacreditar o governo do inimigo e separar seus súditos de sua lealdade. Isso geralmente causou um enorme vôo de refugiados para cidades e castelos fortificados, que não seriam tocados pela *chevauchée*. O uso da *chevauchée* declinou no final do século 14, quando o foco da guerra se transformou em cercos (TEIXEIRA, 2015).

Segundo Macedo (2013), o príncipe inglês tinha cerca de 6.000 a 7.000 homens sob seu comando. O ataque começou em 4 de agosto contra a cidade de Bourges. Edward havia liderado uma expedição semelhante no ano anterior, no sul da França. Este *chevauchée* diferia do anterior porque, além do saque, queima e pilhagem, havia também ação militar contra objetivos afastados do corpo principal da força. Edward queimou os subúrbios de Bourges, mas não capturou a cidade. No entanto, ele capturou a cidade menos importante de Audley.

Ao longo do ataque, várias pequenas forças de cavaleiros franceses foram derrotadas e Edward parou para sitiá-la e capturar a pequena cidade de Romorantin, onde vários líderes franceses estavam escondidos. Por esta altura o exército do monarca francês, João II (chamado Le Bon, "o Bom") estava em perseguição (MACEDO, 2013).

O rei João, depois de ouvir relatos das depredações da força inglesa, decidiu interceptar os atacantes de Edward antes que eles voltassem para sua base. O monarca francês estava então sitiando a cidade de Breteuil, na Normandia. Ele levantou o cerco e se dirigiu para o sul. Na cidade de Chartres, João recebeu mais relatos sobre o inglês, inclusive o fato de estarem muito próximos. Como resultado, o rei João decidiu demitir cerca de 15.000 a 20.000 de sua infantaria de baixa qualidade e menos confiável, na esperança de tornar seu exército mais leve e rápido e aumentar suas chances de trazer a força do príncipe Edward para a batalha (MACEDO, 2013).

Ambos os exércitos estavam basicamente em suas posições no início da manhã (das 7:00 às 8:00 da manhã). O primeiro movimento da batalha ocorreu quando - possivelmente por projeto - a divisão de Warwick com os vagões cheios de pilhagem começou a se mover

¹ Um *chevauchée* (francês para "promenade" ou "carga de cavalo" dependendo das circunstâncias) era um método de guerra medieval para enfraquecer o inimigo, concentrando-se principalmente na destruição, queima e

para o sul na antiga estrada romana que levava a Bordeaux. Isso chamou a atenção dos marechais da França Audrehem, Brienne e Clermont, que comandavam porções dos líderes esperança desesperada dos franceses. O marechal Audrehem, notando o movimento de Warwick, ordenou a seus homens que avançassem na ala esquerda inglesa em retirada. Os outros dois contingentes se lançaram na ala de Salisbury, aparentemente deixando os besteiros sem apoio (MACEDO, 2013).

Obviamente, esses ataques improvisados foram enfrentados com uma tempestade de flechas, os arqueiros ingleses de arco-e-flecha disparando o mais rápido possível (talvez até dez tiros por minuto). Vendo os cavaleiros franceses que os carregavam, os homens de Warwick pararam o movimento e reordenaram para enfrentar o ataque. Os cavalos franceses foram rapidamente abatidos, com os cavaleiros presos embaixo ou lutando para atacar a linha inglesa. Esses homens foram rapidamente despachados, quase antes que o resto do exército francês estivesse totalmente implantado (MACEDO, 2013).

Em algum lugar por volta das 9:00 da manhã, o Delfim levou sua divisão para a frente. Ele inclinou seus homens para atacar o flanco direito inglês. Infelizmente, este avanço francês foi complicado pela retirada da cavalaria sobrevivente comandada por Clermont, que interrompeu o movimento de avanço. Esses franceses apunhalaram a cavalaria numa lufada de flechas, tentaram romper a grossa sebe, sem muito sucesso. Finalmente, depois de lutar contra a divisão da direita inglesa por quase duas horas, o Delfim ordenou que seus homens voltassem a se reagrupar. Quando esses homens se retiraram, a segunda divisão francesa, comandada por Filipe de Orleans, entrou em pânico. Mais ou menos na mesma época, o rei João decidiu enviar o Delfim e alguns de seus outros filhos do campo de batalha. Quando isso ocorreu, o duque de Orleans levou suas tropas do campo, interrompendo a divisão atrás dele comandada pelo rei (MACEDO, 2013).

Os homens do príncipe Edward haviam lutado arduamente e, apesar do dia de descanso do dia anterior, estavam quase exaustos. Ele ordenou que suas forças se consolidassem em um único corpo de homens e se preparassem para enfrentar os franceses em ascensão, que também formaram uma única falange de infantaria, com os arqueiros de renome genoveses misturados. Isso foi mais por acidente do que por projeto, como o rei João comandou a maior divisão do exército francês. Esta multidão de combatentes franceses avançou para encontrar os ingleses, com o antigo padrão de batalha da França, avançando com eles (MACEDO, 2013).

pilhagem do território inimigo, a fim de reduzir a produtividade de um inimigo. região; em oposição a guerra de cerco ou guerras de conquista.

Segundo Teixeira (2015), enquanto os franceses avançavam, um grupo de cerca de 200 homens de armas ingleses e gascões, comandados por João Grailly, o capitão de Buch, montaram um cavalo na retaguarda do exército inglês e cavalgaram pelo flanco de Salisbury. Eles usaram a floresta espessa para esconder seu movimento. Então, quando a força francesa atingiu a linha inglesa, esses cavaleiros improvisados atacaram o flanco esquerdo e a retaguarda do inimigo. Isso semeou mais confusão nas fileiras francesas, fazendo com que todos desanimem. Vendo a angústia francesa, o príncipe Edward ordenou um adiantamento. Assaltado aparentemente em três lados, muitos dos franceses simplesmente correram. Outros formaram pequenos grupos e continuaram lutando contra uma causa aparentemente perdida.

Neste ponto, muitos dos ingleses começaram a saquear os corpos dos mortos. Nobres franceses feridos foram levados para resgate. No entanto, havia uma cena final a ser tocada no drama do campo de batalha, e envolvia o rei francês João. O estrategema do rei de vestir alguns de seus guarda-costas em armaduras semelhantes às suas funcionou bem, até que ele foi o único que restou. Ele lutou com bravura, empunhando um grande machado de batalha com seu filho mais novo, Philip de 14 anos, ao seu lado. Em um ponto, seu capacete foi derrubado. Cercado, ele continuou lutando apesar das inúmeras chamadas do inimigo para se render até que Denis de Morbecque, um exilado francês que lutou pela Inglaterra, se aproximou dele (TEIXEIRA, 2015).

Sir Denis conseguiu entrar na imprensa de homens em volta do monarca francês e disse: "Senhor, submetam-se a mim". O rei respondeu: "A quem devo ceder? Onde está meu primo, o príncipe de Gales?" Denis respondeu: "Ele não está aqui, senhor, mas ceda a mim e eu lhe trarei para ele". O rei perguntou: "Quem é você?" Sir Denis declarou: "Eu sou Denis de Morbecque, um cavaleiro de Artois, mas sirvo ao rei da Inglaterra porque fui banido do reino da França e perdi tudo o que tinha lá." Ao ouvir isso, o rei João tirou a luva direita, entregou-a ao cavaleiro francês exilado e disse: "Eu me rendo a você". Com a rendição do rei, a batalha de Poitiers terminou (TEIXEIRA, 2015).

2.3 HENRIQUE V E A BATALHA DE AGINCOURT

Segundo River (2018), na lenda nacional, Henrique V continua sendo o mais heroico dos reis ingleses. Ele é o glorioso conquistador que rompeu o cavalheirismo francês em Agincourt e conquistou o trono da França para a herança de seu filho. Na realidade, ele exibiu uma série de qualidades marcadamente não-heroicas e, de uma maneira cavalheiresca e medieval, ele tinha mais do que um pouco em comum com Napoleão e até Hitler.

Henrique de Monmouth, filho de Henrique IV e neto de João de Gaunt, tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono em março de 1413. Mesmo que alguns dos que Shakespeare diz sobre um jovem desengonçado pareçam justificados, o jovem rei era já experiente em política. Ele havia derrubado o galês com considerável derramamento de sangue e agido como Presidente do Conselho durante a doença de seu pai. Ele era alto e musculoso, vestindo sua armadura como se fosse um manto leve (RIVER, 2018).

Figura 3 – Henrique V



Fonte: HISTORIANET (2019)

Antes de sua ascensão, ele desempenhou um papel ativo na supressão da heresia. Em uma ocasião, ele pessoalmente supervisionou a queima de um ferreiro Lollard em um barril. Quando o homem começou a gritar, Henrique o puxou para fora e ofereceu-lhe uma pensão se ele se retratasse, o homem (que havia negado a transubstanciação) recusou e foi prontamente colocado de volta no cano flamejante (RIVER, 2018).

Autoridade implacável e crueldade fria eram características marcantes deste homem, mas ele também possuía o que hoje em dia é chamado de carisma e poderia inspirar devoção genuína. Shakespeare percebeu a grandeza e talvez a megalomania. Um historiador vitoriano resumiu Henrique como "duro, dominador, ambicioso, intolerante, hipócrita, pretensioso", mas acrescentou "leve-o a todos, foi indiscutivelmente o maior inglês de sua época" (RIVER, 2018).

Macedo (2013) afirma que em 1413, os Armagnacs, liderados pelo conde de Armagnac e pelo policial Carlos de Albret, haviam conquistado o controle da maior parte da França, incluindo a capital. O duque João de Borgonha ficou de mau humor em seus próprios domínios, enquanto em outros lugares seus partidários franceses estavam sendo perseguidos e assassinados. Um exército da Borgonha não conseguiu retomar Paris no início de 1414, quando os Armagnacs anunciaram sua intenção de invadir a Borgonha e depor o duque. Ambos os lados negociaram com o rei Henrique.

Os homens do Duque João chegaram à Inglaterra na primavera de 1414. Ele queria apenas 2.000 soldados ingleses, prometendo que quando derrotasse os Armagnacs, Henrique receberia as terras dos seus líderes junto com os Angoumois. Mas, no outono, os ingleses horrorizaram o duque, pedindo todos os territórios que haviam recebido em Brétigny, além de Berry, e pelo reconhecimento de Henrique como rei da França (MACEDO, 2013).

Henrique levantou um exército de cerca de 8.000 arqueiros e 2.000 homens de armas, além de alguns lanceiros. Eles eram apoiados por um grande trem de artilharia com sessenta e cinco artilheiros, que estavam em preparação nos últimos dois anos. Provisões, munições, cavalos e navios foram montados na mesma escala maciça do século anterior. O rei tinha um talento para logística e supervisionava pessoalmente a operação; para garantir carne fresca, ele tinha gado e ovelhas dirigidas para os portos no casco. Os navios eram fornecidos pelas Cinque Ports ou então alugados ou apreendidos, e eventualmente uma frota de 1.500 embarcações reunidas no Solent. O carro-chefe, o Trinité Royale, tinha nada menos que 540 toneladas e era tripulado por 300 tripulantes. Henrique passou muitas semanas na costa do Castelo de Porchester, organizando todo o embarque com atenção meticulosa aos detalhes e energia aparentemente inesgotável (MACEDO, 2013).

Durante esse período, o Conde revelou uma conspiração para assassinar o rei e substituí-lo pelo próprio conde, que era filho do herdeiro presumido de Ricardo II. Os "três homens corruptos" nesse "Southampton Plot" eram o primo de Henrique, o conde de Cambridge, com Sir Thomas Gray, e o tesoureiro real, Lorde Scrope, de Masham; o Percys e o Lollard Sir João Oldcastle também estavam envolvidos. Em menos de uma semana, os três líderes haviam sido decapitados. Não houve mais problemas (MACEDO, 2013).

Em 1415, um pequeno e exausto exército inglês obteve uma vitória milagrosa contra os franceses em uma das batalhas mais famosas da história britânica. Embora a duradoura imagem popular da batalha seja a do humilde arqueiro inglês que defende os cavaleiros franceses, na verdade foi decidido por um corpo violento quando os franceses alcançaram as linhas inglesas (MACEDO, 2013).

A Batalha de Agincourt é vista como parte da Guerra dos Cem Anos, que começou quando o rei Edward III afirmou que ele era o verdadeiro herdeiro da terra sem rei da França.

A Guerra dos Cem Anos, apesar de seu nome, não foi um conflito contínuo e, de fato, nos meses que antecederam a campanha de Henrique, as nações opostas estavam se esforçando para chegar a um acordo diplomático que satisfizesse a ambos. No entanto, as negociações foram interrompidas, e Henrique ficou furioso com o arrogante tratamento da delegação francesa, lançando uma expedição à França em retaliação (MACEDO, 2013).

O exército de Henrique de 12.000 cercou a cidade costeira de Harfleur. Não se esperava que isso demorasse, mas os defensores foram bem liderados e motivados, e o cerco continuou por mais de um mês. Enquanto se arrastava, o exército inglês foi devastado pela disenteria e milhares morreram em agonia miserável. Quando a cidade caiu no dia 22 de setembro, a temporada de campanha estava quase no fim, pois o inverno apresentava sérios problemas para as linhas de suprimento dos exércitos medievais (MACEDO, 2013).

Embora seu exército fosse pequeno demais para lutar contra os franceses diretamente, Henrique queria marchar de Harfleur, na Normandia, para a cidade de Calais, detida pelos ingleses, numa demonstração de imprudência.

No entanto, os franceses reuniram um vasto exército em torno da cidade de Rouen nesse meio tempo. Uma fonte contemporânea dá o tamanho de sua força como 50.000, embora tenha sido provavelmente um pouco menor, e a caminho do norte para Calais, o exército inglês encontrou o caminho barrado por um grande número de franceses. As diferenças entre os dois exércitos foram além do tamanho. Os ingleses eram em grande parte formados por arqueiros de arco, em grande parte homens de classe baixa, habilidosos com o arco inglês. Poucos homens em torno de hoje poderiam desenhar a arma, o que exigiu anos de treinamento para usar (MACEDO, 2013).

Os arqueiros de arco longo possuíam uma força surpreendente, o que significava que eles também eram mortais em um corpo a corpo, apesar de sua quase completa falta de armadura. Alguns eram tão atormentados pela disenteria que tiveram que lutar sem calças. Os franceses, por outro lado, eram bem mais aristocráticos, e uma fonte chega a afirmar que os franceses recusaram o uso de 4000 besteiros porque acreditavam que não precisariam da ajuda de uma arma tão covarde (MACEDO, 2013).

Para River (2018), a única coisa que os ingleses tinham a seu favor era o próprio campo de batalha, perto do castelo de Agincourt. O campo de batalha era estreito, lamacento e cercado por bosques densos. Este era um terreno ruim para cavaleiros, e um fator crítico, como muitos nobres franceses gostavam de lutar, montava como sinal de status.

Os cavaleiros franceses lançaram uma carga furiosa contra o inimigo, mas rajadas de flechas combinadas com a lama e as estacas inclinadas, colocadas no chão pelos arqueiros de arco, garantiram que não chegassem nem perto das linhas inglesas. Adotando uma abordagem diferente, os homens de armas franceses fortemente blindados avançaram a pé (RIVER, 2018).

Cem anos antes, em Crecy, flechas inglesas tinham sido capazes de atravessar armaduras de placas, mas agora avanços no projeto significavam que apenas um golpe de sorte ou um ataque de curta distância causaria algum dano sério. Como resultado, apesar das brigas de flechas, os franceses conseguiram fechar com a linha inglesa e depois começaram furiosos combates próximos (RIVER, 2018).

Embora as flechas inglesas não tivessem matado francamente muitos franceses, quando chegaram às linhas inglesas, estavam completamente exaustos. Livres de armaduras pesadas, os arqueiros de arco podiam dançar ao redor de seus oponentes mais ricos e martelá-los até a morte usando machados, espadas e as marretas que usaram para colocar suas estacas. Henrique estava no meio da luta e sofreu um golpe de machado na cabeça, que derrubou metade da coroa do elmo do rei. O comandante francês Carlos d'Albret jogou mais homens na luta, mas o terreno estreito significava que eles não poderiam usar esses números a seu favor, e mais e mais morreram no esmagamento. D'Albret foi morto, juntando-se a muitos milhares de seus homens (RIVER, 2018).

O exército de Henrique retornou a Calais. Os prisioneiros que eles tomaram na batalha quase haviam superado os ingleses, mas com muitos franceses ainda espreitando nas proximidades, o rei matou todos eles - para desgosto de seus homens, que esperavam vendê-los de volta a suas famílias por grandes quantias. O rei francês doente, Carlos VI declarou Henrique o herdeiro dele em 1420. A Inglaterra tinha ganhado. Então Henrique V morreu jovem, em 1422, e os franceses voltaram à sua promessa. Eventualmente eles forçaram todos os ingleses a sair de seu país e venceram a guerra em 1453 (RIVER, 2018).

A Batalha de Agincourt, imortalizada por William Shakespeare, passou a representar uma parte importante da identidade nacional britânica.

2.4 JOANA D'ARC E O CERCO DE ORLEANS

Segundo Teixeira (2015), no mercado, dentro das paredes cinzentas de Rouen, na Normandia, em 30 de maio de 1431, nas sombras das lojas da catedral e das guildas, um espetáculo duro chamou a atenção da população. Uma camponesa de 19 anos deveria ser

queimada na fogueira. Um sinal declarou Jehanne, chamada la Pucelle, mentirosa, perniciososa, sedutora do povo, adivinhadora, supersticiosa, blasfemadora de Deus, presunçosa, acreditando erroneamente na fé de Jesus Cristo, fanfarrão, idólatra, cruel, dissoluto, invocador de demônios, apóstata e herege.

Para muitos no meio da multidão, no entanto, ela era a inocente aspirante a salvadora da França de um século de invasores ingleses. Inconscientemente, os ingleses lhe concederam um martírio que os perseguiria pelo resto de seus dias numerados em solo francês. Por mais surpreendentemente bem-sucedida sua galante, mas breve carreira na guerra, Joana seria muito mais perigosa para a Inglaterra depois de sua morte, transformando um confronto de séculos de senhores avarentos e vacilantes em uma guerra santa pela libertação nacional (TEIXEIRA, 2015).

Figura 4 – Joana D´Arc



Fonte: HISTORIANET (2019)

Joana d'Arc era uma francesa nascida por volta de janeiro de 1412. Ela nasceu camponesa, mas tornou-se uma heroína para os franceses. O pai de Joana era agricultor. Ela não sabia ler nem escrever. Ela experimentou uma infância razoavelmente normal. No entanto, como ela cresceu, sua vida mudou (TEIXEIRA, 2015).

Por volta de 1425, Joana afirmou que começou a ouvir vozes ou visões. Mais tarde ela afirmaria que suas visões eram de anjos e santos que ofereceria seu conselho. Entre suas visões estavam Santa Catarina, Santa Margarida e os arcanjos Miguel e Gabriel. Essas visões acabariam por levá-la a ajudar o rei que estava em guerra com a Inglaterra (TEIXEIRA, 2015).

Durante a primeira parte da guerra, a Inglaterra dominou a França. Não foi até Joana se juntar à batalha que a França começou a experimentar grandes vitórias. Em 1429, depois de um exame feito por clérigos católicos de alta patente, Joana convenceu o rei a permitir que ela acompanhasse um exército a Orleans. Ela chegou vestida em traje de batalha dos homens. Ela imediatamente começou a reformar as tropas exigindo que elas fossem à igreja e se confessassem. Ela não permitia xingamentos, pilhagens e assédio dos civis na área (TEIXEIRA, 2015).

Ela e suas tropas tomaram uma fortaleza inglesa atrás da outra. As vitórias em Orleans foram devidas a um comportamento atacante agressivo, não típico dos comandantes franceses. Quando as tropas francesas atacaram os ingleses em uma igreja chamada Saint Loup, ela as reuniu carregando uma bandeira francesa. Embora ela tenha se colocado em perigo, acreditava-se que ela geralmente assume esse papel em vez de lutar com uma arma (TEIXEIRA, 2015).

De acordo com River (2018), o rei entrou em negociações com o objetivo de separar a Borgonha da causa inglesa. Joana, em sua importunidade, permaneceu com o exército, mas o rei a enganou quando ela tentou a captura de Paris e depois de um fracasso em 8 de setembro, quando Joana foi ferida, suas tropas foram dissolvidas. Joana foi para a Normandia para ajudar o duque de Alençon, mas em dezembro voltou ao tribunal, e no dia 29 ela e sua família foram enobrecidos com o sobrenome du Lis. Não consolada por tais honras, afastou-se da corte em março para ajudar na defesa de Compiègne contra o duque de Borgonha e no dia 24 de maio, foi cercada e aprisionada.

Carlos, em parte talvez por causa de sua indolência natural, em parte por causa das intrigas na corte, não fez nenhum esforço para efetuar seu resgate, e nunca demonstrou qualquer sinal de interesse em seu destino. Por meio de negociações instigadas e processadas com grande perseverança pela universidade de Paris e pela Inquisição, e pelas persistentes maquinacões de Pierre Cauchon, o bispo de Beauvais, um partidário da Borgonha que, perseguido por sua própria corte, esperava obter o arcebispado de Rouen, foi vendida em novembro por João de Luxemburgo e Borgonha aos ingleses, que em 3 de janeiro de 1431, a instância da universidade de Paris, entregou-a à Inquisição para julgamento (RIVER, 2018).

Depois de um exame público, iniciado no dia 9 de janeiro e com duração de seis dias, e outro realizado na prisão, ela foi, no dia 10 de março, acusada publicamente de herege e bruxa e, no final, considerada culpada, ela fez sua apresentação no dia 24 de maio e recebeu perdão. Ela ainda era, no entanto, a prisioneira dos ingleses, e, tendo sido induzida por aqueles que a tinham encarregado de retomar suas roupas masculinas, ela estava nessa causa julgada ter recaída, foi sentenciada à morte e queimada na fogueira nas ruas de Rouen em 30 de maio de 1431. Em 1436, apareceu uma impostora, dizendo ser Joana d'Arc escapada das chamas, que conseguiu induzir muitas pessoas a acreditar em sua declaração, mas depois confessou sua impostura. A sentença proferida contra Joana d'Arc foi revogada pelo papa em 7 de julho de 1456, e desde então tem sido costume dos escritores católicos defender a realidade de sua inspiração divina (RIVER, 2018).

Durante a última parte do século 19, um culto popular da Donzela de Orleans surgiu na França, sendo muito estimulado pelo partido clerical, que desejava anunciar, na pessoa dessa heroína nacional, a íntima união entre o patriotismo e a fé dos católicos, e para esse propósito ardentemente desejava sua inscrição entre os santos. Em 27 de janeiro de 1894, a solene aprovação foi dada pelo Papa Leão XIII e, em fevereiro de 1903, uma proposta formal foi inscrita para sua canonização. A Festa da Epifania (6 de janeiro) de 1904 foi a ocasião para uma declaração pública do Papa Pio X de que ela tinha direito à designação de Venerável. Em 13 de dezembro de 1908, o decreto de beatificação foi publicado no Salão Consistório do Vaticano (RIVER, 2018).

Como figura histórica, é impossível dogmatizar a personalidade de Joana d'Arc. A visão clerical moderna provocou, até certo ponto, o que parece, no relato erudito de Anatole France, ser habilmente apresentado como é, para ser uma retaliação, ao considerá-la como uma ferramenta clerical em seus próprios dias. Mas seu personagem era excepcional. Ela indubitavelmente acalmou os franceses em um momento crítico e inspirou um exército de retardatários e saqueadores com um entusiasmo fanático, comparável ao dos puritanos de Cromwell. Além disso, no que diz respeito às suas verdadeiras qualidades militares, temos o testemunho de Dunois e d'Alençon; e o capitão Marin, em sua Joãone d'Arc, *tacticien et strategiste* (1891), tem uma visão elevada de suas conquistas. A nobreza de seu propósito e a genuinidade de sua crença em sua missão, combinada com sua pureza de caráter e simples patriotismo, permanecem claras. Quanto às suas faculdades "supranormais", um assunto sobre o qual a crença depende em grande parte do ponto de vista, deve ser observado que Quicherat, um livre-pensador totalmente desprovido de influências clericais, os admite (Apercus

nouveaux, 1850), dizendo que a evidência é tão boa quanto para qualquer fato em sua história (RIVER, 2018).

2.5 A LIDERANÇA MILITAR NA GUERRA DOS CEM ANOS

Segundo Brasil (2013, p. 11) liderança militar é:

A capacidade evidenciada por um indivíduo para influenciar outros militares, subordinados ou não, seja em tempo de paz, seja em situações de crise ou guerra, motivando-os a cumprir de forma adequada suas missões específicas e a participar de forma pró-ativa das atividades desenvolvidas pelo grupo a que pertencem.

Para ser um líder militar é preciso que o indivíduo possua algumas características fundamentais, como princípios de liderança, bem como desenvolver alguns valores fundamentais.

De acordo com Brasil (2008) cabe ao líder desenvolver alguns princípios de liderança militar: conhecer sua profissão, conhecer-se e procurar o auto-aperfeiçoamento, assumir a responsabilidade por seus atos, decidir com acerto e oportunidade, desenvolver o senso de responsabilidade em seus subordinados, servir de exemplo a seus homens, conhecer e cuidar do bem estar de seus subordinados, manter seus homens bem informados, assegurar-se de que as ordens são compreendidas, finalizadas e executadas, treinar seus subordinados como uma equipe, atribuir missões a seus homens de acordo com as possibilidades destes.

Brasil (2002) destaca alguns valores fundamentais que o líder deve desenvolver: os valores morais, que são a honra, a integridade de caráter ou probidade, honestidade, lealdade, senso de justiça, respeito, disciplina. Os valores cívico-profissionais que são: patriotismo, espírito de corpo, camaradagem.

Para Brasil (2002, p. 21) a honra pode ser abalada caso o líder: “seja covarde diante do perigo; pratique roubo de bens públicos ou privados; minta em qualquer circunstância e utilize da fraude em qualquer caso”. Desta forma é essencial que o líder possua este valor, uma vez que um homem honrado consegue liderar.

O valor mais importante citado por Brasil (2002) é com relação à integridade de caráter ou probidade, uma vez que abrange todos os outros. O militar que possui integridade de caráter ou probidade, moralmente falando é um indivíduo que possui um caráter sem falhas.

Brasil (2002) afirma que a honestidade é uma forma de honradez, e os desonestos são rejeitados, não conseguindo a credibilidade necessária para exercer qualquer tipo de liderança.

A lealdade, segundo Brasil (2002, p. 22) é uma atitude de solidariedade para com os companheiros, porém, deve-se observar que: a lealdade tem que ser recíproca; deve-se lealdade ao Exército e à OM à qual se pertence; deve-se lealdade ao comandante, que arca com a responsabilidade funcional de conduzir a OM; deve-se lealdade aos companheiros do mesmo nível; deve-se lealdade àqueles que nos foram dados como subordinados; não há maneira de exigir que outras pessoas nos sejam leais. A lealdade tem que ser conquistada.

O senso de justiça permite ao líder que dê a cada subordinado aquilo que é merecido, devendo o mesmo tomar cuidado para não cometer nenhuma injustiça, pois poderá abalar a confiança ou destruí-la (BRASIL, 2002).

Com relação ao respeito a hierarquia deve ser respeitada, conforme art. 142 da CF, sendo que para o EB é um valor importante, devendo o militar conhecer, cumprir e fazer cumprir rigorosamente as leis (BRASIL, 2002).

Brasil (2002) cita a disciplina como uma rotina, a qual está diretamente ligada à obediência. Assim há seis formas de obediência, as quais o líder deve manter-se atento: obediência total ou servil, fanática, obediência por cálculo, sentimental, por identificação ou obediência da autodisciplina.

Brasil (2008) classifica os tipos de liderança militar em: autoritária e autocrática, participativa e democrática, delegativa.

A liderança autoritária é aquela na qual o líder define as regras e normas a serem obedecidas (as quais geralmente são bastante rígidas), estabelece os objetivos que deverão ser atingidos e avalia os trabalhos realizados. O líder, quando usa o estilo autoritário, inspeciona os subordinados com frequência e emprega um sistema de recompensas e punições para impulsioná-los, além de determinar os padrões de eficiência a serem alcançados. Ao adotar o estilo participativo, o líder procura atuar mais sintonizado com o grupo, ouvindo e aproveitando as ideias dos liderados, para depois decidir. Com isto, obtém, com maior facilidade, um verdadeiro engajamento de todos no cumprimento da missão que deverá ser cumprida, pois as pessoas ouvidas sentem-se co-responsáveis, tanto no êxito, como no insucesso das ações que forem empreendidas. A liderança delegativa é mais adequada para ser exercida em grupos de alto nível, que executem trabalhos de natureza técnica, onde os conhecimentos e experiências dos liderados poderão estar no mesmo patamar, ou acima do líder, o qual dependerá de assessoramento para tomar decisões (BRASIL, 2008, p. 12).

A partir daí observa-se que há dois níveis de liderança, a direta e a indireta, onde Brasil (2008) aponta que na liderança direta os liderados são influenciados diretamente pelo líder e na indireta o líder atua através de outros subordinados.

De acordo com Brasil (2008) é preciso que na liderança direta o líder tome o cuidado de dar bons exemplos, uma vez que estará a todo momento sendo observado e avaliado por

seus subordinados, bem como deverá aprimorar a competência profissional, estabelecer uma comunicação eficaz com seus subordinados, agir com justiça e lealdade, supervisionar os trabalhos dos subordinados, manter-se bem informado e explicar a situação aos subordinados, mantendo-os motivados, dedica-se ao trabalho.

Já na liderança indireta Brasil (2008) chama atenção para que o líder deve fazer com que os intermediários aceitem suas ideias e a transmitam aos liderados com poucas distorções de entendimento.

Os principais tipos de liderança de acordo com Brasil (2008) são: autoritária e autocrática, participativa ou democrática, delegativa. A mais utilizada pelo EB é a liderança participativa, a qual fortalece os princípios de hierarquia e disciplina.

Edward, o Príncipe Negro; Henrique V e Joana D'Arc desenvolveram os atributos de liderança necessários para levar suas tropas ao sucesso das batalhas que participaram.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos utilizados foram os seguintes: leituras preliminares para aprofundamento do tema; definição e elaboração dos instrumentos de coleta de dados e definição das etapas de análise do material. Ao serem estabelecidas as bases práticas para a pesquisa, procurou-se garantir a execução da pesquisa seguindo o cronograma proposto além de propiciar a verificação das etapas de estudo.

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória, onde foram consultados livros e artigos em banco de dados eletrônico, os quais dizem respeito ao tema.

3.2 MÉTODOS

Foram realizadas pesquisas em livros que diziam respeito ao tema, bem como foi consultado o Manual de Liderança do Exército Brasileiro, onde foram feitos fichamentos dos mesmos para que pudesse dar embasamento ao referencial teórico.

Os fichamentos não serão apresentados no TCC.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liderança é de grande importância para os militares do Exército Brasileiro, pois através da mesma o Comandante conseguirá que seus subalternos realizem a missão com êxito, tendo confiança e respeito pelo líder.

No dia a dia do oficial militar é essencial que o mesmo tenha conhecimentos de liderança e seja líder que a cada dia desenvolva os atributos inerentes a sua posição.

A liderança desenvolve no militar vários atributos, os quais são necessários para o desempenho das atividades no seu dia a dia, principalmente se em combate, onde deve conduzir a tropa ileso ao final da missão e completá-la com êxito.

As competências de ser saber e fazer também devem ser desenvolvidas pelo oficial militar, todas fazendo parte das características de um bom líder. É preciso ser motivador e transmitir confiança, uma vez que são as bases para a liderança eficaz.

Lembrar sempre que a chave da liderança é a credibilidade, a qual somente se consegue através da confiança. Um líder precisa dar exemplo, ser ético e respeitar os seus comandados, percebendo sempre suas necessidades e procurando motivá-los através de seu exemplo pessoal.

Estando em combate é preciso ter coragem e determinação, manter a equipe coesa e escolher os melhores homens para realizar a missão. Para isso o líder precisa conhecer bem seus homens e entender a natureza de cada um.

Um bom desempenho, tanto do oficial quanto da tropa dependerá da liderança. Somente trabalhando em equipe e fazendo com que os comandados entendam o significado da missão e que podem realizá-la é possível obter a vitória.

Desta forma, não há como separar liderança do bom desempenho do oficial. Ambas andam lado a lado, completando-se em todos os momentos e muitas vezes até mesmo confundindo-se.

Diante do estudo realizado, observa-se que os três líderes da Guerra dos Cem Anos descritos no trabalho, Edward, Henrique V e Joana D'Arc desenvolveram os atributos de liderança necessários, conseguindo a credibilidade e confiança de seus subalternos.

Foram verdadeiros líderes, que hoje devem ser tomados como exemplo, a fim de que os novos militares desenvolvam as competências e atributos de liderança como eles.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Liderança militar**. Caderno de instrução do projeto liderança. AMAN, 2015.
- _____. **Manual da campanha – C 20 20 – Treinamento físico militar**. Brasília: 2002.
- _____. **IP 20-10: liderança militar**. Brasília: 2008.
- _____. **Liderança militar**: caderno de instrução do projeto liderança. Resende: AMAN, 2013.
- MACEDO, S. D. T. **A guerra dos cem anos**. São Paulo: Record, 2013.
- RIVER, C. **A guerra dos cem anos**: a história da guerra mais famosa da Idade Média na Europa. São Paulo: Carlos Rivers Editors, 2018.
- TEIXEIRA, F. M. P. **A guerra dos cem anos**. São Paulo: Ática, 2015.